

RONDON: Silêncio Orgânico de Flores...

Silva Freire

SAYONARA oásis tropical do Centro-Oeste Brasileiro, primitivo **HABITAT** dos **ÍNDIOS COXIPONÉS**, ponto de partida da gloriosa civilização cuiabana, e a Secretaria de Educação e Cultura, da Prefeitura Municipal de Rondonópolis, ao momento histórico da comemoração do I Centenário de Nascimento do grande Guerreiro da Paz, Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, o indigenista emérito, sentem-se, através de suas Direções, honradas com a permissão do moderno poeta da Terra, o **nacional** **nosso** Silva Freire, de tantas outras produções de vulto, e que mais uma vez soube compor, na ideação de sua poderosa estética objetiva, a majestade olímpica do filho lendário dos Campos de Mimoso, na tessitura do seu maravilhoso poema, intitulado **RONDON: SILÊNIO ORGÂNICO DE FLORES...**, cuja crítica literária merece, nesta nossa publicação, os louvores da sensibilidade intelectual de Gervásio Leite e João Antônio Neto, lídimos representantes da Academia Mato-grossense de Letras.

SAYONARA
ONARA
NARA
ARA
RA

RONDONÓPOLIS
POLIS
LIS
DON POLIS
DONO
DO
NO
RONDÓ
RONDO
RON
RONDON

No ano de 2015, em que o novo Governo do Estado de Mato Grosso promove um conjunto de ações comemorativas aos 150 anos do nascimento do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, o *Pagmejera* (Grande Chefe), a Casa de Cultura Silva Freire, no instante em que realiza a 4ª edição do Circuito Cultural Setembro Freire, ecoa a homenagem do poeta Silva Freire ao dedicar àquele que é o símbolo de umas das maiores lutas humanitárias do século XX o poema *Rondon: Silêncio Orgânico de Flores...*, publicado em 1965, durante as comemorações do primeiro centenário.

A reedição deste Caderno de Cultura vivifica o (re) conhecimento do homem que se lançou no tempo e no sertão do oeste brasileiro indicando os caminhos para a construção de um processo civilizatório baseado nos valores da alteridade e do bem comum. Apresenta as críticas literárias de Gervásio Leite e João Antônio Neto escritas na ocasião da publicação da primeira edição e oferece ao leitor o poema e as críticas originais.

Esperamos que esta nova edição contribua para revitalizar o processo de leitura nas escolas básicas e universidades e proporcione uma experiência estética agradável a todos os leitores.

O RONDON DE SILVA FREIRE

João Antônio Neto

Difícil também é o poema com “P” maiúsculo! Seja o poema concreto ou lavrado nas formas convencionais. Porque uma coisa é certa: o poema tem que assumir as contingências do Ser; tem que ter fôlego, cadeias de nervos, cordames de músculos, vagas de sangue, gritos, aleluias, desvanecimentos, desintegração de luz!...

Fora disso, o que há é o eclipse consumado da aura vivente; é a morte – essa ausência de figura na fixação das retinas ávidas.

Ora, o aborto é mais uma frustração do que o massacre do devir, degola da esperança, interrupção do cântico prévio, de afirmação, dentro da vida.

Tem que haver a mensagem, sim, senhores! Não o recado repetido, o anúncio iterado. E a mensagem não é também o “novo”, o “novíssimo” – mas é o trocar que faz estremecer os alicerces ou a carícia, quase mediúnica, que põem madrugadas no crepúsculo das almas... e das coisas!

O artista não é o criador, não é o construtor, não engendra nem arquiteta só. Ele suscita. Fere, e a água jorra! Bate, e a porta se abre! Porque o material poético subjaz em tudo. Tudo É na poesia. Como estranho magma, ela só se petrifica e se define com autenticidade quando amadurece como os frutos silvestres – sem inseticidas e enxertos.

Aí está Silva Freire. Fala, e as coisas resplandecem. Com seus dedos aciculares preme a epiderme do tema e só isto basta para que os átomos do espírito difuso e disperso convirjam para o ágape eucarístico da comunhão com o deslumbramento. Poesia-plenilúnio!

A imortalidade é a extrema simplicidade. Uma inglória folha de parreira tornou perecível o casal bíblico. A solidão é divina. A pluralidade fragmentou o mundo, porque lhe deu atavios, acessórios, penduricalhos. Os grandes homens não têm mais de um nome. Só há Válmik, Homero, Dante, Camões. Cândido Mariano da Silva – é Rondon. Mas, – ó milagre – essa mesma imortalidade, que se traduz pelo desprezo de todos os adminículos, das pátinas, incrustações e

fuligens é tão pródiga e complexa que se torna sensível e reconhecível em tudo a que levou a banho matutino do seu orvalho, os fluidos da sua atmosfera universal. Por isso é que Silva Freire gravou este fecho definitivo:

“Bororo
xavante
bacairi
nhambiquara
parecis
baquité
borduna
arco
zagaia
tacape
tanga”.

Aí está todo o Rondon. O poema flui, numa unidade desabalada – diga-se assim – e vem, como uma ponta de dardo, fina, vulnerante, atingir o Alvo! Aí o homem Rondon chegou ao ponto de aclamação tranquila com as coisas até: É o índio, é a mesma tanga do índio; a personalidade do Gigante incorporou-se aos instrumentos, ao vestuário – quer dizer, limitou-se para universalizar-se. E é, precisamente, o que Silva Freire transmite. O seu Rondon tem forma e cor dentro da festa concreta dos elementos e acidentes a que sua vida deu participação dentro da existência. Seu Rondon existe não como um homem funcionando dentro dos fatos – mas como uma função desses mesmos fatos. Há uma impregnação de afetos em tudo; sente-se que sem ELE a significação das eventualidades não teria sentido.

O poeta é monstruosamente talentoso! Primeiro, Silva Freire nos confunde e nos dispersa. Depois, refluímos e nos agarramos, irremissivelmente, às cordas que flutuam no mar largo da sua inspiração. E não é um a inspiração gotejante, esvoaçante, elísea – é um turbilhão magnético, indetível, atoador! As imagens esperneiam, trepidam:

Ó difícil poema *H*
 para *HO*
 post *HOM*
 proto-*HOMEM*
 Poema *R*
 em *RO*
 de *RON*
 até *RONDON*

HOMEM-RONDON... geografia selvática de aromas
 dançando
 ao compasso
 de gritos
 zumbidos
 gemidos
 cocares
 cantares
 ruídos
 estampidos
palmas!

DO HOMEM-RONDON

envelhecidas raízes
 soletrando caminhos
 desfigurando picadas
 equilíbrio e pinguela
 ouvindo tambores
 no lombo de burro
 levando topadas
 espremido no atalho
 grimpando, apontando, grimpando
 suando rumos... resmungos
guia!

PELEJA DO HOMEM-RONDON:

debaixo, é chuvada
 ao longe, clareira
 bem perto, é deserto
 de lado, água de corredeira
 de tarde, fumaça nos picos
 um grito
encontro de cabeceira!

ATENÇÃO, RONDON!:

no trilheiro
 – quase estrada, ou sucursal de estrada
 um assvio
 é aviso de aviso...
 e quando o silvio
 silva
 na selva
 em sibilos
 ou cicios
 é suspiro
 de milênio
 galopando silêncio
 com cilada na chinha...
 é suplício, Rondon
 no *rio dos Martírios*

RONDON-SINFONIA:

é florestal demais o nativo si bemol ligeiro
 aqui
 assim
 talvez
 no-cê
 pois é lá, nossa *música-pantanal-Mimoso!*

DO MENINO-RONDON:

saiu de polainas
pulando morrotes
com pé-de-moleque
sem bola e bexiga
rodou em burrica
foi barra-bandeira
virou pepereca
pegou carrapato
nem viu tamanduá
socou bem-te-ví
e lavou-se com água-acuri-palmeira

RONDON INCLINADO:

esqueceu cururu
siriri esqueceu
talabarte em vertical
enxugou matemática
gramática, é natural...
rijo nervo, mente rija
rijo pulso, rijo, rijo
estudou nem sei quê, e saiu por aí
vestido de brim-folhagem, riscado de
unha-de-gato

RONDON NA ROSA DOS VENTOS:

assustação de onça-pintada
lambido de catapora
bebido de sanguessuga
comido de percevejo
pisado de sombra fria
suado de romper mato
e beijado de vaga-lumes

RONDON E DESCANSO:

apenas capacete de relva úmida
num breve cochilo de curruíra
com olho aceso de lebre na lua cheia...
nem é carícia de cobra verde, num *travesseiro*
de "durme-durme!"

RONDON EM SI MESMO:

- estudo mediterrâneo de fauna e flora e
o mineral pontudo
- chilreio de pássaro emplumado, classificado
- curvinha tímida de rio-criança, na carta,
marca
- resistência imbatida do índio feliz, amigo,
comigo
- juízo de peixe-mel, priscando d'água-doce
para bulir na lua *uaaa...*
uaaa...
- vertigem de cachoeira madura se desman-
chando em noivado de paz

RONDON E QUEIXA:

conselho
picada
marcos
buraco
divisa...
e respeito de paz à vida

RONDON E BOA VIZINHANÇA:

xingu
tapajós
tocantins
coluente
teles pires
ronuro
- ROOSEVELT

MEMÓRIA DE RONDON:

- orgulho silábico de tribo que não quis a-
prender a morte
- bacoruru de tintas de tantas cores filtradas
na carne de cor de melado, fazendo glu-glu

ALEGRIA DE RONDON:

- é sorriso encardido de festa tribal
bambolinando entre dentes roídos
um assopro de fibra-tucum...
- essa jovialidade de canoa sem remo, pen-
teando um piolho, moqueando um jacu

RONDON E CREDO:

catedral de tempo verde num silêncio orgânico
de flores!

RONDON E GLÓRIA:

Campos de Mimoso
caxeiro no Beco Quente
Praia Vermelha
ívia selva
Rua 13, de Odorico
companhia de Maciel...

RONDON NA BOCA DO POVO:

homem
moendo-se
homem tutano
tudo modéstia só

RONDON E COMPANHEIROS:

igarapé do zeferino
ribeirão domingos
rio souza azevedo
ribeirão santana
rio são benedito
ribeirão narciso
manoel gomes
manoel castro
silvio França

RONDON E LINGUAGEM:

surgiu da selva, da terra, da alma da obra
do homem o *rondonino* topônimo

RONDON E PÁTRIA:

rondon é pátria
herança atávica da raça

RONDON E FAMÍLIA:

humano demais para não ficar sozinho, *nunca*

RONDON NA MADRUGADA:

conta-gota d'orvalho boreal
na aba larga do chapéu grande,
quase pingando no cigarro de palha...

RONDON E CASERNA:

muito enorme o sonho, que não coube nos
quartéis...

RONDON E HINÁRIO:

alma infantojuvenil, *vestindo a velhice de
pureza-esperança-infantil*

RONDON E A LANCHÁ ROSA BORORO:

evocação sentimental do efei-
to movida à força motor-a-
quática

RONDON E TELÉGRAFO:

ternura de Samuel Morse
saltitando no dedo do homem de cóbrea cor
– na linha do poste
– no pico do morro
– piano de uma tecla só
transmitindo no cântico “Aruanã”
a bravura praieira do carajá

RONDON E DOR:

sem queixa
sem nada
é si-lên-cio...
– uma enorme cegueira passeia o respeito da noite-
sem-fim na **vigília olímpica** do guarda lendário do
meu sertão

RONDON É LEMBRANÇA:

do meu ser
do seu valor
do meu medo
do teu calor
do vosso livro
do nosso mor... nahahá
ameri
mugá

O VELHO SERTANISTA:

musgo monobloco
feito à enxada
pá
picareta
e apá

O NOME DELE:

CÂNDIDO MARIANO DA SILVA

bororo
xavante
bacairi
nhambiquara
parecis
baquité
borduna
arco
zagaia
tacape
tanga

Rondônia
Rondonópolis
RONDON

Cuiabá/Cáceres – 1965.

Apoio Cultural



Realização



GOVERNO DE
MATO GROSSO
ESTADO DE TRANSFORMAÇÃO

CASA SILVA FREIRE



“gritos
zumbidos
gemidos
cocares
cantares
ruídos
estampidos
palmas”.

Vejam as aliterações e ecos! E mesmo quando os símbolos ganham tonalidades de voo manso – o ritmo transborda, pelo encadeamento e valorização precisa dos vocábulos: “**vertigem de cachoeira madura se desmanchando em noivado de paz**”.

Ora, aí está uma coisa maravilhosa! Numa síntese exata, em que a imagem é expressa pelas palavras, em que se quer representação, achou nos vocábulos a moldura única para o valor da representação. A primeira parte do verso é uma verdadeira ascensão que se torna plena na palavra “**madura**” para, a seguir, numa verdadeira deiscência, abrir o cofre polínico e derramar a sementeira. É a organicidade vocabular posta

à prova com a vivacidade prestante do mágico. E, ó esse saber identificar o nó vital da palavra!... Tem-no Silva Freire. Olhem: “**silêncio orgânico de flores**”. Não está aí mera diversão da paciência lúdica do poeta; não! Há em tudo penetração, motivação, aquele “suscitar” a que nos referimos – uma ritualística do mistério da matéria com a forma.

E, por aí a dentro do poema, a mesma constatação. E, propositadamente, falamos “a dentro”. Esta poesia, de fato, não pode ser versada por fora, em torno; temos que nos condicionar a ela, deixar que a mesma nos penetre, como um flúor pungente.

Daí não podermos, em linhas tão breves, dizer tudo desse laboratório de riqueza poética que é Silva Freire. Poeta dos maiores, singularíssimo, cravejador de almas nas coisas e nos seres.

Daí, também, a consideração de que não poderia Rondon, que é hóspede definitivo da imortalidade, achar melhor cantor. O poema merece figurar como alta contribuição a mais um título para a heráldica de Rondon – aquele que, segundo Jaguaribe de Matos, “**tem na sola dos pés o mais longo caminho jamais percorrido**”.



O poeta, o Aduxororéu... e a última lição

O POETA NO MUNDO DA PALAVRA

Gervásio Leite

A GRANDE conquista do poeta destes tempos é o descobrimento de que as palavras têm dimensões até então impresentidas. A poesia é, assim, uma espécie de visão nova da palavra, de valorização do vocábulo, e o poeta desperta na palavra vulgar, cotidiana, virtualidades e méritos que, até então, eram desconhecidas. A palavra é, destarte, matéria plástica, maleável, manobrável. O poeta é mais do que o rimador de palavras tornando-se escultor de palavras.

O manancial inesgotável agora descoberto dá à poesia moderna a alegria das coisas inaugurais. Cada poeta descobre, amolda, esculpe a palavra em seus sentidos atuais, mas não herméticos, em sua vivência com os fatos, as coisas e os atos da vida comum. A linguagem tanto pode descer à algaravia dos brincos infantis como allear-se a páramos só alcançados pelos eleitos. Em uma ou em outra posição o poeta descobre que a palavra e a poesia de hoje são, assim, em síntese, a descoberta da palavra. Este poema de Silva Freire é, sem dúvida, a aventura do poeta no mundo da palavra. Aventura em que o poeta se afunda no mundo das palavras de mãos dadas com Rondon, unindo, assim, dois bandeirantes, aquele alargando o horizonte da Pátria e dando novas dimensões ao mundo, este afundando no mundo polidimensional das palavras para alargar-lhes o sentido, dando-lhes novas dimensões. Mas onde há aventura e pioneirismo, há beleza e esta é comum na obra ciclópica do bandeirante do século XX, o grande *pagmejera* Rondon, e no poema que o poeta canta os seus feitos, as suas lutas, o seu idealismo, a sua pugnacidade, o seu heroísmo.

A poética de Silva Freire não é atividade lúdica; é experiência séria, pesquisa original, reinterpretação da palavra ou a sua adequação ao mundo em que vivemos.

É um postulado filosófico de que não podemos provar senão a nós mesmos e a nossa experiência. E só o que é filosoficamente provado é que existe. É um dado da filosofia russeliana aplicável ao mundo ilimitado da poesia. Só a experiência poética explica a Poesia e o Poeta. Só a aventura no campo emocional da beleza é que justifica a poesia, esse campo insondável e incomensurável, onde o poeta se agita naturalmente.

A experiência poética de Silva Freire neste poema, surpreendente pela beleza e pela originalidade, vale aplausos e registros, louvores e palmas.

Abril do Primeiro Centenário de Rondon

canção praeira
do
carajá

"Ua co tican rran ran
ré.....uo.....ru
ra.....beré
ra.....ram
Redibere bonam
Quá tre rará quá ram"

- à memória bronzada de **meu pai**,
randolpho rodrigues freire,
que me ensinou **rondon**
- à doce lembrança caseira da **mamãe**,
joanna euphrosina da silva freire,
a quem tudo devo
o pouco que sou
- à memória do **mano** e **xará**,
que não pode compreender a vida
- para **nedy** e **cacilda**
irmãs
e amigas
- ao prof. **joão cândido salles**
e **francisco corrêa pacheco**,
cunhados
e companheiros
- para **leila**,
poesia-azul do meu noivado
- para **glória márcia**, a que pinta poemas,
e **maria cristina**, poeminha infantil da
minha família
- aos companheiros e amigos vivos
do **grande guerreiro da paz**,
oferece o autor